



Ecomuseu da Serra de Ouro Preto:

arqueologia dos lugares e não lugares de uma experiência comunitária

Yára Mattos

Museóloga/ Coordenadora/Projeto de Implantação do Ecomuseu
Profª Drª DETUR/UFOP

Membro da ABREMC - Brasil

I. A História do lugar

O subsolo das áreas onde se localizam, atualmente, os bairros envolvidos com a implantação do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto – morros da Queimada, São João, Santana, Piedade e São Sebastião – em outros tempos uma jazida arqueológica, é hoje testemunho do período da exploração do ouro nas minas gerais, como eram chamadas. Mas não só o subsolo. Em todos esses bairros estão também à mostra resquícios da ocupação urbanística de um dos mais prósperos arraiais mineradores do início do século XVIII – o Arraial do Ouro Podre ou Arraial do Pascoal – de propriedade do rico comerciante português Pascoal da Silva Guimarães, o qual, em 1708, já possuía grande contingente de escravos para trabalhar nas minas. O lugar foi tomando um impulso muito grande e, no auge da exploração do ouro, contava com aproximadamente três mil moradores.

Segundo a historiadora Elodia Honse Lebourg¹,

Nestes morros da Serra de Ouro Preto, as ruas abertas ao longo das encostas deixavam, de um lado, lotes de fortes aclives e, do outro, de consideráveis declives. Os materiais mais utilizados nestas construções variavam bastante. As rochas empregadas eram os quartzitos em blocos ou em formações estratificadas que, como lajes, foram largamente empregadas em Vila Rica. As rochas talcosas e maciças geralmente utilizadas eram a pedra-sabão ou de panela. As madeiras aproveitadas eram a canela preta, a braúna, a candeia, a canela-de-ema, os coqueiros chamados de palmito, as taquaras e as samambaias arborescentes. Usava-se ainda canga, areia, cal e ferro.

¹ LEBOURG, Elodia Honse. **Vila Rica, 1720: História, Sedição e Arquitetura**. Ouro Preto: FAOP, 2006. p.15. Monografia.

Por volta de 1711, em Vila Rica de Albuquerque já se observava uma mudança no traçado urbanístico, com o início da construção de pontes, chafarizes, abertura de ruas, surgimento de um comércio e uma certa ordem administrativa.

É por essa época que o rei D. João V institui a cobrança dos “quintos” – imposto de 20% sobre o total do ouro extraído, criando tensões na relação entre os mineradores e a Coroa Portuguesa. As Casas de Fundição, instaladas a partir de 1719, aumentam ainda mais essa pressão, pois estava proibida a circulação do ouro em pó ou em pepitas. Esses deveriam ser fundidos e marcados com o selo real.

A situação tornou-se insustentável e, em 1720, eclodiu a revolta conhecida como “sedição de Vila Rica”, sufocada por D. Pedro de Almeida Portugal, Conde de Assumar. Vários revoltosos foram presos, entre eles o próprio Pascoal, deportado para Lisboa. Seu arraial foi totalmente queimado e a população se refugiou em outros locais da Vila.

Conta a lenda que a “cidadela do Ouro Podre” ardeu em chamas por toda a noite, para servir de exemplo a quem ousasse desrespeitar a Coroa. A partir de então, o lugar ficou conhecido como “Morro da Queimada”.

II. A Outra História: um lugar para morar

Com o declínio da produção aurífera o local ficou abandonado, em ruínas, por quase duzentos anos. Uma nova ocupação, porém, vem se verificando há pouco mais de um século, incentivada de início pela própria Câmara Municipal, conforme documento assinado por seu presidente, Diogo Luiz de Almeida Pereira, em 1892²:

(...) Considerando que essas mesmas superfícies isentas uma vez abandonadas revertiam livres de toda exceção ao patrimonio municipal; pelo que considerando como nos Morros de Sant-Anna, da Piedade e outros antigos arraiais suburbanos grandes extensões acham-se vagas coberta apenas por ruínas; e bem assim como a Câmara tem necessidade de terrenos para afora a todos quantos desejam repovoar esses bairros no interesse de favorecer o grande desenvolvimento que a cidade está tomando.

Paulatinamente, desde o final da década de 1940, começa a surgir novo povoamento, desordenado, nos antigos territórios mineradores de Pascoal. Impulsionado até então pela ausência de políticas públicas preservacionistas, por políticos inescrupulosos, pelo aumento da população e sua conseqüente necessidade de moradia, vai se adensando, circundando o

² ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE OURO PRETO. Livro de Registro de Ofícios de portarias. No.950, livro 08, cx.20, fls 13v a 14. 1892-1893. Documentos de vereanças, cx.14, 1892. Citado por

perímetro urbano tombado da cidade de Ouro Preto. Para se ter uma idéia, o censo do ano 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, registra um total de aproximadamente 4.132 habitantes na região.

Em 2002, cerca de 68,2% dos 250 mil hectares que compreendem o Morro da Queimada estavam ocupados por pessoas provenientes de áreas rurais vizinhas à região, o que contribuiu, mais uma vez, para sua acelerada descaracterização.³

Milton Santos⁴ refere-se a “lugar” como um modo de tratamento do “mundo vivido” que implica compreender esse “lugar” por meio de relações, objetivas e subjetivas, que com ele se estabelecem. Quais seriam então as relações objetivas e subjetivas estabelecidas por esse novo contingente populacional com os “lugares de memória” do Ciclo do Ouro na cidade de Ouro Preto, Patrimônio Cultural da Humanidade? Quais são seus valores de referência, suas raízes identitárias, seus laços afetivos? Seu sentido de pertencimento relaciona-se a que tempo? Ao passado, ao presente, ou aos dois, concomitantemente?

Retornando a Santos⁵: “Tempo e espaço conhecem um movimento que é, ao mesmo tempo, contínuo, descontínuo e irreversível. Tomado isoladamente, tempo é sucessão, enquanto o espaço é acumulação, justamente uma acumulação de tempos”. Nesse sentido, o tempo presente relaciona-se à evolução das coisas, enquanto que a paisagem formada pelas escritas anteriores dos lugares relaciona-se à acumulação de tempos passados, inertes. É o tempo social vivo que irá desfazer e renovar continuamente essa relação.

III. Os lugares de Relação: Parque Arqueológico do Morro da Queimada e Ecomuseu da Serra de Ouro Preto

FERREIRA, Juliano, **Caminhos, Percursos, Histórias e Interpretações nos Museus de Ouro Preto**. Ouro Preto: Festival de Inverno, 2007. (Apostila.)

³ Ver FONSECA, Marco Antônio, Ocupação Desordenada Ameaça Patrimônio Mineiro de Ouro Preto, citado na monografia de OSTANELLO, Mariana Cristina Pereira, **Parque Arqueológico, Ecomuseu e Turismo – Contribuições para a preservação do Patrimônio e Desenvolvimento Social no Antigo Arraial do Ouro Podre**. Ouro Preto: UFOP/DETUR, 2007. p. 22. O texto de M.A.Fonseca encontra-se disponível em http://www.radiobras.gov.br/ct/2002/materia_010302_5.htm. Acesso em 18 jul 2007.

⁴ SANTOS, Milton. Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1997. Citado por: SÁ, Graziela Lopes de. **Museu da Inconfidência: Uma Análise do Seu Papel Social e Sua Utilização como Equipamento de Lazer**. Ouro Preto: UFOP, 2007. p. 59. Monografia.

⁵ _____, **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: USP, 2005. p. 63.

“Os objetos, naturais ou artificiais, são híbridos (...) já que não têm existência real, valorativa, sem as ações. Assim, cada lugar se define tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional.”⁶

A necessidade de criação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada surgiu sob a perspectiva de proteção de um patrimônio que foi sendo aos poucos dilapidado, tanto pelo poder público local, quanto por parte da população que veio ocupando novamente, ao longo do tempo, a região.

Dentre os objetivos⁷ para sua criação, podemos destacar: ampliação das pesquisas históricas por meio de programas de escavações arqueológicas, possibilitando um conhecimento mais amplo sobre a cultura material, a história da paisagem, das técnicas e dos objetos usados na mineração. Proteção e ordenamento das ruínas das primeiras edificações construídas com pedra e argamassa, dos detalhes em cantaria e dos conjuntos de ruínas de currais e pátios constituídos de muros de pedra em junta seca. Revisão da historiografia mineira e crítica da história positivista; estudo da memória de Felipe dos Santos e da sedição de Vila Rica (1720) à luz da história da cultura material da região. Criação de uma opção diferenciada de turismo fora do circuito tradicional. Proteção de parte significativa da moldura paisagística do conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto tombado pelo IPHAN. Melhoria da qualidade de vida e inclusão social das comunidades vizinhas. Desenvolvimento da consciência dos moradores e transformação da auto-imagem. Geração indireta de emprego e renda, bem como da sustentabilidade econômica do empreendimento.

A implementação de uma experiência ecomuseológica na região surgiu durante uma audiência pública, em que foram colocados em discussão temas referentes à preservação da área de proteção ambiental/APA da Cachoeira das Andorinhas e do parque arqueológico acima referido. Após um período de sensibilização das lideranças locais, contatos e intercâmbio com experiências exitosas – Ecomuseu do Quarteirão, em Santa Cruz, Rio de Janeiro e Ecomuseu do Cerrado, Goiás – foram iniciadas as primeiras ações, que se constituíram em oficinas de arte, palestras, reuniões e debates, com o objetivo de

⁶ SANTOS, Milton. Op.cit. p.159.

⁷ MINISTÉRIO DA CULTURA. Mecenato. Formulário para apresentação de Projetos. **Parque Arqueológico do Morro da Queimada em Ouro Preto, MG**. Ouro Preto, set. 2005.

sensibilizar determinados segmentos comunitários, como professores, estudantes, membros das associações de bairro, donas de casa, trabalhadores de ofício (carpinteiros, pedreiros, marceneiros) e lideranças culturais. O que se percebe é que, pouco a pouco, o movimento começa a se ampliar, integrando-se cada vez mais às finalidades e objetivos desse empreendimento que irá se constituir, na realidade, em um complexo museológico constituído pelo *espaço-testemunho* advindo das escavações e contenção das ruínas remanescentes do antigo arraial; pela experiência contemporânea comunitária (*espaço cultural vivido*), procurando cumprir o que foi proposto na Carta de Belém,⁸ através de princípios democráticos que possibilitem o exercício da cidadania e o desenvolvimento da consciência crítica; e pelo *lugar-ambiente*, potencializando uma rede de relações “sustentáveis” entre homem, natureza, cultura e sobrevivência. Nessa perspectiva, busca-se a superação das tensões sociais explicitadas no documento *Perspectivas Educativas da UNESCO Para o Século XXI* – entre o global e o local, o universal e o singular, o material e o espiritual, a tradição e a modernidade, as coisas de longo e curto prazo, o desenvolvimento tecnológico e sua capacidade de assimilação e acesso pelo homem.

Através de diferentes frentes de atuação, como as ações do Inventário Participativo – por exemplo, o projeto de entrevistas “Memória de Vida”, e as ações de desenvolvimento social com ênfase nas atividades direcionadas à juventude – oficinas de arte e comunicação, procura-se o diálogo entre a dinâmica da territorialidade do acontecer histórico, sua criação e recriação. Assim, “o espaço torna-se lugar quando adquire valor de referência passando a significar identidade, exprimir laços afetivos e sentimento de pertencimento aos moradores”⁹.

O Empreendimento tem a coordenação geral do IPHAN/ E.T.OP/ Ministério da Cultura e parcerias com a Universidade Federal de Ouro Preto e a Prefeitura Municipal, através das Secretarias de Patrimônio, Cultura e Turismo, Educação e Ação Social. Possui cotas de financiamento da Petrobrás Cultural, Caixa Econômica Federal e Novellis Fábrica de Alumínio/OP. Está inscrito na Pró-Reitoria de Extensão da UFOP e nele trabalham uma equipe de alunos extensionistas do Departamento de Turismo, e uma equipe comunitária, constituída por lideranças culturais dos bairros que compõem o *espaço vivido*.

⁸ SEMINÁRIO DE IMPLANTAÇÃO DO ECOMUSEU DA AMAZÔNIA, 8-10 jun., 2007, Belém do Pará. Carta Compromisso. Assinada pelos participantes.

⁹ SÁ, Graziela Lopes de. **Museu da Inconfidência: Uma Análise do Papel Social e Sua Utilização Como Equipamento De Lazer**. Ouro Preto: UFOP/DETUR, 2007. p.58. Monografia.